



Um ano de BUZUFBA: superlotação e demoras

GEOCIÊNCIAS • PÁGINA 08

GETA: grupo de pesquisa de olho
na indústria do petróleo

ARQUITETURA • PÁGINA 13

FAUFBA inaugura residência
técnica pioneira na área

COTIDIANO • PÁGINA 04

Blogs reúnem anúncios e
serviços para estudantes

PARA NÃO SE PERDER...

INTERCÂMBIO
PÁG. 03

COTIDIANO
PÁG. 04

COTIDIANO
PÁG. 05

CAPA
PÁG. 06 E 07

GEOCIÊNCIAS
PÁG. 08

DIVERSIDADE
PÁG. 09

GÊNERO
PÁG. 10

MEDICINA
PÁG. 11

COMPUTAÇÃO
PÁG. 12

ARQUITETURA
PÁG. 13

ARTES
PÁG. 14

PERFIL
PÁG. 15

ENTREVISTA
PÁG. 16

JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório da Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina
CEP 40.170-115 Salvador - Bahia - Brasil

EDITORIAL



Lara Maiato | LabFoto

De buzú, a pé ou na carona?

Mais um semestre teve início e, com ele, lançamos a nossa primeira edição do JF. A provocação que dá título a este editorial ilustra alguns dos caminhos que percorremos – literalmente – para levar esta edição até vocês.

Na matéria de capa, um balanço dos problemas apontados por usuários do BUZUFBA, que completou em novembro um ano de funcionamento. Demora, superlotação e utilização indevida do serviço são algumas das reclamações. Ampliando a questão, destacamos iniciativa de estudantes do curso de Ciência da Computação, cujo objetivo é facilitar o dia a dia de quem utiliza transporte público, com um site para pesquisa das linhas de ônibus que circulam em toda a cidade. Das ideias criativas na internet, vem ainda outra matéria, sobre o blog Casa e Carona. Para quem desistiu do BUZUFBA e se desloca mesmo a pé, um inusitado perfil sobre a escadaria que liga o campus de Ondina à Federação. Se aqueles degraus falassem...

Direito à cidade também está em pauta e apresentamos projeto pioneiro da Faculdade de Arquitetura com a Escola Politécnica, direcionado a formar profissionais para atuar em projetos de assistência técnica pública gratuita e construções de interesse social. No embalo do pré-sal e das oportunidades que a exploração do recurso representa, destacamos trabalho realizado por grupo de pesquisa do Instituto de Geociências que prepara graduandos para a atuação no mercado petroquímico. Isso e muito mais nas próximas páginas. Boa leitura!

Antonio Fernando Barros
Redação JF

Produção da disciplina Oficina de Jornalismo Impresso
(Semestre 2013.2) - Primeira edição, ano 2013

Reitora: Dora Leal Rosa

Diretor da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Graciela Natansohn-DRT/BA 2702

Editores: Antonio Fernando Barros, Bruno Rubeiz, Marina Baruch, Michele Vivas, Sonia Rauédys e Ygor Bahia

Edição de fotografia: Milena Abreu

Projeto Gráfico: Amanda Carrilho e Gabriel Cayres / Eufba

Diagramação: Adelmo Queiroz / Eufba

Repórteres (turma 2013.1):

Ailma Teixeira, Alana Caiusca, Antonio Fernando Barros, Bruna Andrade, Bruno Rubeiz, Caíque Bouzas, Camila Fiuza,

Carolina Arosa de Souza, Diogo Costa, Fernanda Nery, Gabriela Cirqueira, Isadora Sodré, Jéssica Alves, Karen Monteiro, Layla Neiva, Mariana Sales, Mariana Trindade, Marília Campos, Marina Baruch, Michelle Vivas, Milena Abreu, Naira Diniz, Natália Arjones, Sonia Rauédys, Suely Alves, Thaís Ribeiro, Thamires Santos, Vilma Martins e Ygor Bahia

Contato: jornaldafacom2013@gmail.com

Tiragem: 500 exemplares

Distribuição Gratuita

 facebook.com/jornaldafacom

EXPEDIENTE

700 estudantes da UFBA em intercâmbio pelo programa Ciências sem Fronteiras

Apesar do grande número de bolsas oferecidas, muitos alunos não preenchem os pré-requisitos para participar do intercâmbio

Vilma Martins

Thaís Ribeiro

O programa Ciência sem Fronteiras oferece 2000 bolsas para UFBA, porém, somente cerca de 700 estudantes estão em intercâmbio pelo programa. Segundo o professor Carlos Arthur Calvacanti, Pró-Reitor de Pesquisa, Criação e Inovação da UFBA, grande parte dos alunos não preenchem os pré-requisitos necessários e sua inscrição é cancelada. Mesmo sendo aprovado no programa e obtendo bolsa, o aluno depende da aprovação da universidade estrangeira de destino.

Na Semana de Arte, Cultura, Ciência e Tecnologia da UFBA (ACTA), no dia 22 de outubro, o professor Arthur Cavalcanti durante uma conferência comentou a importância de se ter um orientador acadêmico logo de imediato, pois é ele que faz a ponte com os coordenadores do programa e a carta de recomendação. Caso o aluno que obtenha nota baixa (menor 7,0), mas realize trabalho de pesquisa bem-sucedido pode apresentar uma carta de recomendação feita por seu orientador, validando sua participação.

O primeiro pré-requisito para os estudantes se candidatarem ao Ciência sem Fronteiras é o exame de proficiência da língua do país de escolha. A UFBA oferece cursos específicos para cada exame, além de aplicar alguns deles, como o TOEFL. Caso o estudante não obtenha nessa prova nota suficiente para ingressar na universidade desejada, algumas dessas instituições oferecem cursos intensivos que devem ser feitos antes do início das aulas, porém, o estudante é quem custeia os valores do curso.

Alunos contam suas experiências

Os preços dos auxílios concedidos pelo Ciência sem Fronteiras aos intercambistas variam entre 9 e 18 mil reais, a depender do país. O estudante Tainá Costa que está em intercâmbio na Universidade de Cardiff, no País de Gales, diz que todas as suas despesas são pagas pelo CNPq: “Também recebi uma bolsa mensal para despesas diárias, auxílios para material didático e custos iniciais de instalação no país”, explica.

Os valores de passagem, hospedagem e seguro de saúde são depositados em reais na conta bancária do aluno antes da viagem. Lucas Pitangueira



CIÊNCIA
SEM FRONTEIRAS

ra que atualmente estuda Engenharia de Áudio e Acústica na Universidade Salford, no Reino Unido, conta que perdeu dinheiro devido a alta brusca da libra. “O CNPq até pagou um adicional, mas não cobriu todo o prejuízo. Apesar disso, estou conseguindo viver bem com o valor que recebi”, ressalta.

Tácio Belmonte foi aceito na Universidade de Leicester, no Reino Unido e explica que o aluno tem direito de escolher três universidades, se nenhuma das três aceitá-lo, ele passa pelo processo do *clearing*, que consiste na realocação do aluno em uma outra universidade. Neste caso, ele não tem mais a escolha, só recebe uma oferta, que se for rejeitada, leva à reprovação no programa.

Os intercambistas acreditam que o conhecimento adquirido fora do país é importante não só para a profissão, mas também para a vida pessoal. Pitangueira, que está em intercâmbio desde setembro deste ano, diz que antes de ir para o Reino Unido, acreditava que não iria querer retornar ao Brasil. “Chegando aqui, descobri que existem pontos positivos e negativos. Espero aproveitar o que tem de bom e retribuir ao Brasil o investimento que o governo fez em mim”, admite.

Processo de inscrição

No momento da inscrição no site do programa, o estudante precisa enviar o seu histórico da graduação, o Formulário de Orientação CSF (disponibilizado no site da UFBA), assinado por seu orientador

e o coordenador do curso, e o exame de proficiência da língua do país escolhido. Com aprovação no exame de proficiência, o candidato deverá se inscrever nos formulários eletrônicos disponibilizados pela universidade estrangeira no período indicado na chamada. Nesta etapa da seleção, o aluno faz uma carta explicando os motivos pelos quais a universidade deveria aceitá-lo e ainda relatos de trabalhos de pesquisas, palestras e atividades extracurriculares. Depois de assinar o termo de concessão da bolsa os selecionados começam a receber os benefícios do programa.

1) As inscrições devem ser feitas pelo site oficial do programa, www.cienciasemfronteiras.gov.br. Já as chamadas com os resultados são disponibilizadas no site www.csf.ufba.br.

2) Para quem tem dúvidas sobre o programa, toda sexta-feira é realizada uma reunião na Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão.

3) Os estudantes que desejarem mais informações sobre os exames de proficiência da língua devem procurar a Coordenadora Geral do Profici, Fernanda Mota, na sala 208 do Instituto de Letras da UFBA.

Casa & Carona: da necessidade individual para o interesse coletivo

Blog reúne anúncios para
estudantes da UFBA

Caíque Bouzas
Sonia Rauédys

Mais de 200 mil cliques, 1150 comentários e 380 anúncios são os números que o blog Casa & Carona (C&C) acumula em quase dois anos de criação. Thiago Silva, estudante de Arquitetura, sentiu a necessidade de um espaço que centralizasse informações sobre moradias estudantis da cidade. Com essa motivação, ele fez o blog tentando suprir a ausência, possibilitando a oferta ou solicitação de casa, mobília e carona pelos usuários.

Durante criação, Thiago contou com o auxílio de Brisa Moura, estudante do Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades que ajudou a idealizar o projeto. Atualmente, o blog é administrado apenas por Thiago, contando com a colaboração de usuários. “Hoje raramente faço divulgação. O blog possui um público fiel e registra cerca de 400 visualizações diárias”, afirma.

Moradia

A seção de moradia é a mais acessada. Ariane Timoteo, aluna de Farmácia, alugou vagas do seu apartamento para outras universitárias. Os primeiros contatos ocorreram através do celular e Facebook e, mesmo sem se conhecerem, decidiram morar juntas. “A parceria deu certo. Desde junho as meninas moram aqui e estão muito satisfeitas”, diz. Questionada sobre a exposição de dados particulares na negociação, confessa que o seu maior receio foi receber pessoas que não conhecia para a visita.

Bazar

É a categoria mais recente do C&C e sua criação foi uma sugestão dos usuários do blog. Nela, os estu-

Thiago Silva, criador do blog, busca patrocínio para mantê-lo

dantes têm a oportunidade de vender e comprar mobília a baixo custo. Em pouco tempo houve uma grande demanda nessa área. Jéssica Montenegro, estudante de Odontologia, vendeu uma cama box para outro aluno da UFBA. Ela acredita que o blog é importante para universitários que prezem por preços acessíveis em imóveis, mobília e transporte. “Morar sozinha na capital e se locomover por aqui geram muitos custos extras”, reitera. Apesar de satisfeita com o blog, a estudante crê que o espaço virtual precisa melhorar. “O blog deveria ser mais organizado e melhor divulgado para que as pessoas saibam que podem negociar mais do que aluguel de imóveis ou carona”, critica.

O blog possui um público fiel e registra cerca de 400 visualizações diárias

E a carona?

Esta categoria é a mais monótona. Thiago acredita que a falta de sincronia nos horários dos alunos dificulta o encontro. “Aqui o carro é mais individualizado. Além disso, a violência urbana é exacerbada”, pondera. Já Isabel Aquino, estudante do B. I. de Humanidades e anunciante de carona, discorda. Para ela, mesmo revelando rotas e horários, ajudar é o que importa. “Quanto à violência, não temi. Apesar de reconhecer a minha fragilidade - de gênero, talvez -, não vejo a oferta de carona como uma exposição, independente de estar sozinha em um carro”, diz.

Dificuldades

Sozinho na manutenção do C&C, Thiago encontra desafios para melhorar os serviços, por conta da falta de capital. “O blog é mantido com uma conta gratuita. Isso traz limitações em relação ao design e às funcionalidades”. Neste tipo de hospedagem não é possível, por exemplo, criar um sistema onde o usuário tenha conta e seja responsável por seus anúncios - uma das funcionalidades mais urgentes, segundo ele. Satisfeito com os resultados, Thiago quer ampliar o projeto. “Houve o contato com uma estudante de Tecnologia da Informação da UNEB, interessada em programar um aplicativo de caronas via celular, em tempo real, mostrando a localização e disponibilidade dos interessados”.

Thiago pensa em outras ferramentas para melhorar o blog, como aplicativo para celular, álbum de fotos dos anúncios e um mapa de vagas. Ele crê que o C&C, por ser um serviço de utilidade pública, deve ser aperfeiçoado ao máximo. A iniciativa é inviabilizada por conta da falta de financiamento. Ele busca o apoio de algum docente da UFBA, que possa, a princípio, ajudá-lo com a hospedagem do blog em uma plataforma mais sofisticada.

Acesse:

<http://casaecaronaufba.wordpress.com>



Vou de buzu

Site de iniciativa pessoal facilita a vida de usuários de transporte público

Milena Abreu
Michelle Vivas

A desorganização do sistema de transporte público de Salvador foi o motivo para a criação do site MeuBuzu. Mesmo com o sistema online de roteiro de ônibus oferecido pela Transalvador, os problemas enfrentados na rua são repetidos na internet. A busca é ineficiente: se o usuário pesquisa por bairros, o site fornece todas as linhas que passam naquele ponto e é preciso procurar entre várias páginas um ônibus que o atenda. Se a procura é específica por linha ou por ônibus, o site fornece somente a opção na qual é preciso ter conhecimento do nome, linha ou número do ônibus. O que deveria ser uma busca rápida acaba tomando boa parte do tempo. Imagina quando não se tem internet e a única alternativa é perguntar para alguém que está no ponto de ônibus.

Sistema

A falta de um sistema inteligente de busca levou o estudante do 9º semestre de Ciência da Computação da UFBA, Gabriel Peixoto, a criar o site MeuBuzu. Ele, que também é usuário do transporte público de Salvador, diz conhecer bem as mazelas do dia-a-dia de quem utiliza o transporte público. Junto com o seu colega de faculdade Denildo Machado, Gabriel chegou à ideia de criar um site de busca das linhas de ônibus que fosse mais rápido e fácil do que o oferecido pela Transalvador.

Primeiramente, foi criado um programa que cruzava as informações das linhas dos ônibus que passavam em dois lugares definidos. Porém, esse processo demorava mais de uma hora para pesquisar todas as páginas da Transalvador que tinham esse roteiro. Em 2011, os dois começaram a desenvolver um site para facilitar essa busca e, no ano seguinte, ele foi lançado para o público.

Após as dificuldades iniciais, como organizar os dados coletados e adaptar o site para mobile, com o aplicativo para o Android, Gabriel diz que o único problema enfrentado hoje ocorre por conta das modificações no trânsito de Salvador. “Só consigo atualizar as linhas de acordo com as informações da Transalvador, ou seja, se a Transalvador não atualizar, eu também não tenho como”.

Usuários

Mesmo com a dedicação, alguns problemas comprometem o funcionamento do site. O principal

deles é a falta de conhecimento de alguns bairros e ruas da cidade. Para Marco Antônio, por exemplo - morador de Lauro de Freitas e estudante da UFBA - faltam informações sobre as linhas da região metropolitana de Salvador. Ainda que a falta de integração entre Lauro de Freitas e Salvador seja um problema, o sistema engloba bairros nos quais as informações sobre o transporte são ainda mais difíceis de obter, como o Subúrbio Ferroviário. A maioria dos entrevistados diz que recomendaria ou já recomendou o site para alguém, mas pontua a questão de, às vezes, não achar o que precisa.

MeuBuzu é um site de busca de linhas de ônibus mais rápido e fácil do que o oferecido pela Transalvador

Gerenciamento

Apesar de ter dificuldades para se dedicar ao site por possuir projetos paralelos, Gabriel Peixoto pretende continuar com o trabalho mesmo após a faculdade, pois entende a importância desse projeto para a construção de uma cidade melhor. Mesmo recebendo muitos elogios e sendo reconhecido por muitas pessoas, o estudante enfatiza as diversas

tentativas de criar uma parceria com o governo. A resposta, porém, nunca passa de um interesse momentâneo.

O site hoje conta 600 acessos diários e gera um pequeno valor para Gabriel. “Os ganhos crescem com o aumento do número de acessos, mas, mesmo assim, ainda é um valor baixo. Digamos que dá para pagar um cinema”, brinca.

Iniciativas como essa são comuns entre os estudantes de Ciência da Computação. Os projetos pessoais são uma forma de colocar em prática o que é aprendido no curso. “Outro projeto famoso desenvolvido por colegas do meu curso foi o site Onde Fui Roubado, onde as pessoas denunciam crimes através de um mapa e a partir daí eles geram estatísticas para cada cidade”. Além de promover experiência real com o gerenciamento, esses sites acabam ganhando utilidade pública, uma alternativa de compartilhamento de informações que não são muito bem divulgadas pelos órgãos públicos.

Acesse:

<http://www.meubuzu.com.br/>

Fonte: www.meubuzu.com.br

BUZUFBA gera reclamações entre estudantes da UFBA

É grande a insatisfação dos alunos que viajam em pé e até mesmo, nos degraus da escada



Lucas Seixas | LabFoto

Suely Alves

A demanda pelo BUZUFBA tem gerado insatisfação entre os estudantes da UFBA que necessitam do transporte gratuito para se locomoverem entre os campi universitários. A quantidade de micro-ônibus em funcionamento deixa a desejar em relação aos quase 30 mil alunos que têm acesso ao transporte. Não só a superlotação, mas o tempo de espera e a utilização do transporte pela comunidade externa também tem sido motivo de queixa. Entre trinta a quarenta minutos é o tempo que os alunos aguardam pela chegada do BUZUFBA, e ainda têm que viajar em pé e nos degraus da escada.

O sistema de transporte foi implantado no semestre de 2012.2 para atender a comunidade aca-

dêmica. Quatro micro-ônibus foram contratados para circular entre os três campi (Canela, Federação e São Lázaro) saindo de Ondina, com capacidade para 27 passageiros sentados e 13 em pé. A busca pelo uso do transporte ultrapassou a capacidade de passageiros, gerando a superlotação, motivo que levou ao acréscimo de mais um micro-ônibus e mesmo assim, o problema continua.

Falta de estrutura

Os estudantes dividem o transporte com a comunidade externa à UFBA e isso diminui a capacidade de lotação. Devido à falta de identificação para comprovar que o universitário faz parte da instituição, qualquer pessoa tem acesso ao BUZUFBA,

restando capacidade ou acrescentando volume de passageiros, desnaturalizando o objetivo inicial do transporte.

“Motorista, esse ônibus vai pra Ondina?”

É comum as pessoas entrarem no micro-ônibus e fazer essa pergunta, o que demonstra que elas não são da comunidade da UFBA e não têm conhecimento do roteiro. Para a estudante do curso de Gênero e Diversidade, Débora Campelo, a quantidade de micro-ônibus deveria aumentar devido ao número de alunos que depende do serviço de transporte oferecido pela instituição. Débora também falou que prefere fazer o percurso de Ondina a São Lázaro a pé, atravessando a Escola Politécnica



Transporte não
identifica usuários

A superlotação do BUZUFBA deve-se à falta de estrutura do transporte que não assegura a comodidade dos alunos.

do que ficar esperando vários minutos pelo bus, e ainda correr o risco de chegar atrasada. “Poucas vezes andei de BUZUFBA, prefiro subir as escadas da Politécnica e chegar a tempo na aula”, concluiu.

Questionado sobre a superlotação o pró-reitor de Administração, professor Dirceu Martins diz que o BUZUFBA sozinho não vai resolver o problema da superlotação, se não tiver um sistema integrado e a centralização dos colegiados num único local, para que o aluno possa ter aula no mesmo lugar sem ter que se deslocar para outro pavilhão e, enquanto o serviço de restaurante universitário não for ampliado para São Lázaro e Canela.

Segundo o professor Martins a universidade está pensando em implantar um sistema de identificação dos alunos, uma medida ainda em discussão. “O uso de catraca (no ônibus) vai deixar o sistema mais lento e o cartão magnético corre o risco de ser vendido ou emprestado a outro aluno. O próprio aluno tem que fiscalizar o transporte. Quando a universidade investe em projetos, se está pensando no desenvolvimento do aluno. Os estudantes devem fiscalizar a comunidade”. Cabe refletir: são os alunos que devem fiscalizar quem usa o BUZUFBA? Eles que devem “denunciar” passageiros que não são alunos? Quanto mais vai demorar a tomada de decisão para facilitar a vida dos usuários?



Grupo de pesquisa do Instituto de Geociências prepara alunos para o mercado petroquímico

Com o investimento de empresas do ramo petrolífero, bolsistas têm formação qualificada e especializada

Marília Campos
Mariana Trindade

O GETA, Grupo de Estratigrafia Teórica e Aplicada, se destaca pela realização de pesquisa de ponta e preparação dos seus alunos para o mercado petroquímico. O petróleo é um produto de importância mundial e a exploração do pré-sal é uma promessa econômica do Brasil. Nesse sentido, é imprescindível o investimento em grupos de pesquisa que foquem na redução de incertezas geológicas e em alternativas para maior produtividade do óleo.

A filosofia do GETA parte do princípio que a experiência acadêmica deve ser, além de teórica, pragmática, ou seja, que através de pesquisas o aluno desenvolva a capacidade de quantificar, identificar e solucionar problemas na prática. É neste sentido que o grupo de pesquisa, coordenado pelo professor Michael Holz, realiza um trabalho de qualificação teórica, técnica e aplicada dos seus bolsistas. Mas para que isto aconteça, é necessário que haja investimento de algumas fontes de financiamento como Petrobras, Shell, ANP (Agência Nacional do Petróleo) e CNPq que custeiam, não só os valores das bolsas, mas também a infraestrutura do espaço reservado ao grupo. “A UFBA paga o nosso salário e dá uma infraestrutura básica. Tudo vem de outras atividades que alguns professores buscam”, afirma Holz.

O professor faz questão de apontar que a universidade não é prestadora de serviços e enfatiza que não usa os seus bolsistas como mão de obra barata. “Se a atividade não proporciona algum tipo de aprendizado para o estudante, eu não tenho interesse em fazer”. Além disso, aponta para o ganho que as empresas têm com os *insights* desenvolvidos pelo grupo: “As empresas não têm tempo de fazer o trabalho que fazemos aqui. Lá eles fazem sempre a mesma coisa, então às vezes não conseguem resolver problemas que se estivessem numa outra estrutura talvez conseguissem”. A moeda de troca que circula entre as fontes financiadoras e a universidade tem duas faces. De um lado, as empresas, fundações e agências custeiam as bolsas, traba-



Michael Holz faz reavaliação de dados geológicos e geofísicos de campos de petróleo

lhos de campo, viagens a congressos, equipamentos e *softwares*. De outro, a universidade oferece ao mercado do setor petroquímico, profissionais qualificados e especializados. Os convênios com a universidade possibilitam que alunos interessados na pesquisa se debrucem sobre os dados geológicos e possam produzir um trabalho final que “a empresa vai usar para alguma coisa, vai dar uma luz a qualquer problema futuro”.

O primeiro trabalho do grupo foi em 2011 – realizada com o apoio da ANP – e consiste na reavaliação dos dados geológicos e geofísicos de campos de petróleo. Outros dois projetos em andamento são reavaliações geológicas das bacias do São Francisco (projeto BAFRAN) e do Recôncavo (projeto Rec-Panoro), apoiados, respectivamente, pela ANP e pela Panoro Energy do Brasil. “Você tem que ter planejamento. Esses projetos que estão acontecendo agora arranjei em 2010, negocieei em 2011 e estão acontecendo em 2013. Agora já estou pensando em coisas para os próximos anos. O *timing* é esse”, encerra o coordenador do grupo.

O interesse dos alunos na pesquisa é o principal pré-requisito para participar do GETA e o critério de

seleção não se resume às boas notas, porque segundo Holz, “nem sempre o aluno de nota melhor é, realmente, melhor pensador”. Hoje professor substituto do curso de geofísica, Vinícius Carneiro foi o primeiro bolsista do grupo. Ele afirma que 80% do que sabe aprendeu com o GETA: “Quem entra na iniciação científica tem a capacidade de desenvolver muito mais aptidão, de aprender muito mais do que só com o curso”. O grupo possui uma cadeia de comando característica da organização empresarial, com um presidente, gerentes e os funcionários, de forma que os alunos experimentam a realidade do mercado de trabalho.

Criado em 2009, o GETA hoje conta com integrantes que variam entre graduandos, mestrandos e doutorandos dos cursos de geologia e geofísica. “A universidade é o melhor lugar do mundo para entrar e não fazer nada. Também é o melhor lugar do mundo para fazer alguma coisa, muito melhor que uma empresa, porque tudo que você faz depende só e essencialmente de você”, encerra Holz.

Quando o diferente se torna invisível

Uma vez vencido o obstáculo do vestibular, o próximo problema enfrentado por discentes com deficiência é permanecer na faculdade e lidar com o preconceito

Bruna Andrade
Camila Leila

Com a popularização dos cursos universitários no Brasil, alunos com os mais variados tipos de deficiência podem ser encontrados matriculados em cursos superiores. Na Universidade Federal da Bahia não é diferente. Dados do Núcleo de Apoio ao Estudante com Necessidades Pedagógicas Especiais (NAPE) indicam que existem 53 alunos com algum tipo de deficiência matriculados na UFBA. Considerando que a universidade é um espaço aberto para todos, cabe perguntar se os seus ambientes físicos estão aptos a atender às diversidades dos discentes. O problema é que, muitas vezes, o diferente se torna invisível.

O estudante de Jornalismo, Ednilson Sacramento (51), está entre os 26 alunos matriculados que possuem deficiência visual e considera a indiferença um dos desafios a serem superados: “Às vezes, quando estou caminhando num corredor, os colegas estão atrapalhando a passagem, mas continuam lá. Eu tenho que tocar neles e pedir licença. A maioria não olha ao redor. É como se dissessem ‘esse não é o meu mundo, eu não tenho nada a ver com essa situação’. Percebo que alguns colegas são indiferentes e individualistas. Não sei se por não saber lidar ou se é proposital”, conta.

Apesar disso, o estudante que é formado pelo Bacharelado Interdisciplinar de Humanidades encara a inclusão das pessoas com deficiência no ensino superior como uma vitória e ressalta: “A universidade deve estar preparada para receber essa diversidade. Não é uma aula para os ditos ‘normais’, é uma aula para todo mundo. O ambiente segregado não é interessante. O ideal seria o mesmo ambiente, mas com adaptações necessárias”.

“Alguns colegas são indiferentes e individualistas” diz Ednilson Sacramento, aluno de Jornalismo.

Essas adaptações, inclusive, são reivindicadas em praticamente toda a UFBA. Falta de sinalização, pisos ou rampas inadequadas dificultam, e muito, a circulação dos alunos com necessidades especiais.

Como é o caso da estudante do quarto semestre de Gestão de Transportes Terrestres, Camiles Davis (26), que quando ingressou na UFBA em 2012, ainda não possuía nenhum tipo de restrição de deslocamento, mas em agosto de 2013 foi acometida por um problema genético na coluna e passou a usar muletas devido às dificuldades de locomoção. A maioria dos acessos da UFBA são feitos através de escadas, o que dificulta a locomoção de Camiles que assiste as aulas nos campus da Politécnica e Direito. “É bastante retrógrado que em uma universidade ainda não se encontre acessos facilitados ou que nos ofereça alternativa. Sei que os números relativos são bem menores quando relacionados à quantidade total de alunos, mas nós existimos e precisamos que melhorias sejam feitas, afinal, já sofremos bastante com os acessos da nossa cidade”, disparou.

As condições físicas da universidade - com salas e campus muito distantes um dos outros - dificulta a autonomia de locomoção, no acesso à en-

trada, saída e às dependências. Mas certamente, o apoio oferecido pelas pessoas ao redor, ajuda a contornar esse obstáculo. .

Dicas do dia a dia pra lidar com alunos deficientes visuais:

- > Quando se dirigir a uma pessoa cega, identifique-se.
- > Avise quando estiver chegando ou saindo.
- > Se o deficiente visual estiver precisando de algo, a dica não é você entregar, mas mostrar como conseguir. É uma forma de manter a independência do deficiente.
- > Sempre ofereça o braço para a pessoa ao caminhar. Nunca puxando-a. Encostar o braço somente, já estará indicando que ele caminhará com você. Quem está guiando ficará livre, sem precisar estar preso ao movimento do outro e quem está sendo guiado não vai ficar dependente.



Lucas Seixas | LabFoto

Mulheres sim, cientistas também

As mulheres já compõem 50% do campo científico brasileiro

Alana Caiusca

Jéssica Alves

Se falarmos sobre leis da física talvez venha à memória nomes como Albert Einstein ou Isaac Newton. Mas ao citarmos nomes como Rosalind Franklin ou Marie Curie será possível estabelecer alguma associação? A produção de conhecimento científico intrinsecamente está referenciada- em muitos casos- a figura masculina. Mas, em 2010, no Brasil o número de mulheres cientistas já se equiparou ao de homens. Os dados são do Diretório do Grupo de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este último censo indica que metade dentre os 128,6 mil pesquisadores são mulheres.

Ao fazer uma análise histórica do campo científico, vê-se fortemente a colaboração feminina, apesar de elas não serem sempre reconhecidas. Existem contribuições significantes de mulheres como Marie Curie, a primeira a ganhar duas vezes o prêmio Nobel, sendo um de Física em 1903 e outro de química em 1911. Rosalind Franklin é outro exemplo de mulher bem sucedida: foi biofísica e fez

parte das equipes de pesquisa que levaram à compreensão da estrutura do DNA. Contudo, Franklin só obteve esse reconhecimento após a sua morte. A docente da Uneb Renata Dotto, graduada em química e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências – pela UFBA afirma que a ciência sempre foi vista como egocêntrica por atribuir certas descobertas a um só cientista. “A ciência sempre foi vista de forma elitista e individualista, como se o conhecimento científico fosse construído por uma minoria superdotada, por gênios isolados. Por isso é muito comum atribuir certas descobertas a um só cientista [homem] sem considerar seus predecessores [ou predecessoras]”.

Dotto, afirma ainda que “atrelada a esta imagem deformada da ciência, sempre esteve presente a discriminação em quanto ao gênero, de modo que a ciência era vista como uma atividade predominantemente masculina”.

A primeira Faculdade do Brasil, a Faculdade de Medicina da Bahia, era integrada apenas por ho-

mens. Até 1879 as mulheres eram proibidas de frequentar cursos de nível superior. Atualmente a realidade difere já que elas são maioria na graduação e pós-graduação, segundo o censo produzido pelo Ministério da Educação – MEC, em 2010. Porém, a sociedade continua reproduzindo a cultura de machismo, como relata a professora e especialista em biologia celular Cristiane Cipriano, mulher atuante na área. Ela inicialmente sofreu preconceito no próprio ambiente de trabalho, no qual havia predominância masculina. O fato mais curioso que Cristiane conta, é a falta de credibilidade que ela tinha entre algumas alunas, que disseram “não gostar de professoras mulheres, pois estas nunca ensinavam nada”.

A UFBA, por exemplo, no Instituto de Matemática, possui aproximadamente 32% de docentes mulheres. Glória Márcia Fernandes, professora, graduada e pós-graduada em matemática na UFBA assegura: “Hoje há espaços suficientes para a ampliação das mulheres nesse campo, basta querer”. Assim, também, Dotto ressalva: “Apesar das dificuldades, tenho percebido que a mulher tem enfrentado barreiras e criado estratégias para conseguir a aceitação no trabalho científico, e desta forma, tem conquistado progressivamente o seu espaço”.

Exemplo para as gerações futuras

Na infância, enquanto os meninos são estimulados a brincar com ferramentas, robôs e carros as meninas são instigadas a desenvolver atividades ligadas ao âmbito doméstico, como o cuidado da casa e das bonecas. Para sua filha, a professora Cristiane Cipriano procura comprar brinquedos que estimulem aptidões e afinidades pelas diversas áreas de conhecimento, como números, letras e peças de montar, estimulando tanto a área da criatividade quanto a área das exatas.

Levando-se os avanços das mulheres ao longo deste último século resta-se esperar que este panorama mude. E, sobretudo, que haja atualizações nos livros acadêmicos mostrando para as gerações futuras as histórias das mulheres e as suas colaborações científicas.



Alana Caiusca | LabFoto

Renata Dotto, no laboratório de química da UNEB



Alana Caiusca | LabFoto

Glória Márcia, matemática, na UFBA

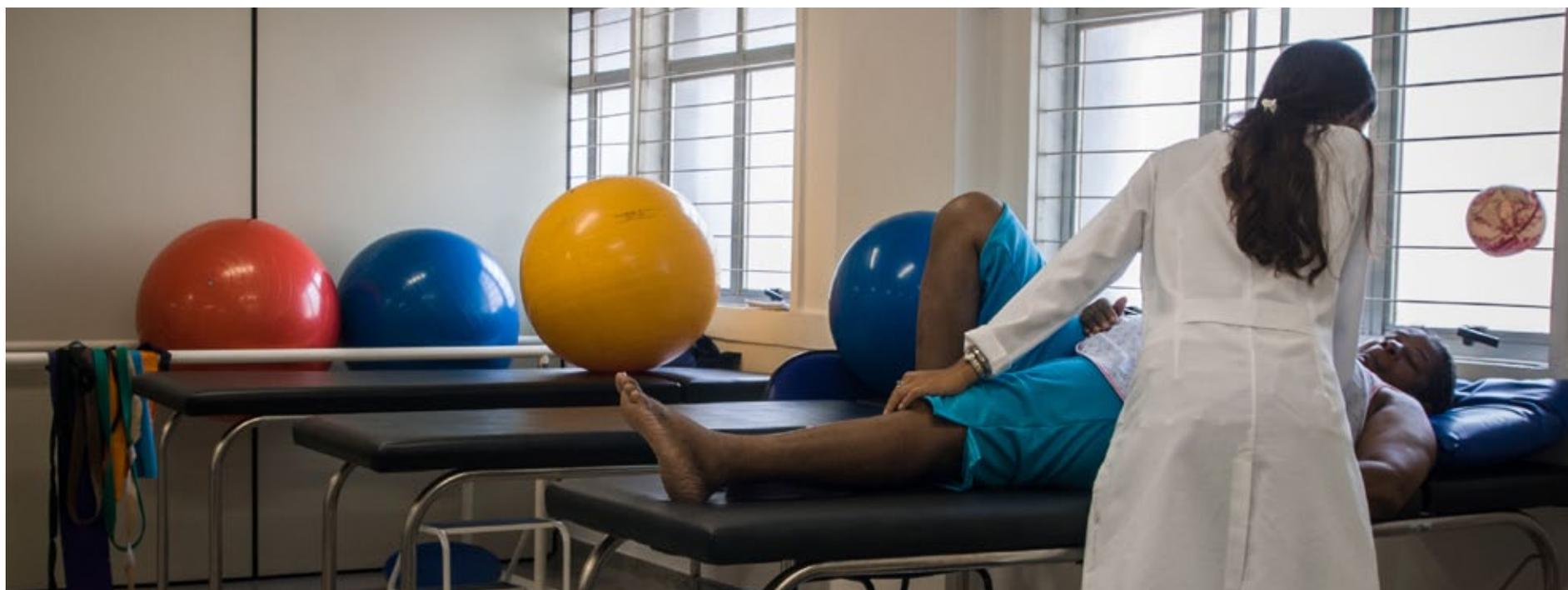


Alana Caiusca | LabFoto

Cristiane Cipriano, bióloga, na UEFS

Terceirização é a solução?

Hospital das Clínicas passa por processo de terceirização da administração e divide opiniões



Arquivo | LabFoto

Isadora Sodré
Thamires Santos

Um longo processo de terceirização da administração poderá modificar o funcionamento de boa parte dos 47 hospitais universitários federais, todos ligados ao Ministério da Educação (MEC). De acordo com a Associação Brasileira de Hospitais Universitários e de Ensino (ABRAHUE) há pelo menos 20 anos se discutem modelos de gestão para esses hospitais junto com o Ministério da Saúde, a Associação dos Reitores e outras instituições.

O Complexo Hospitalar Universitário Prof. Edgard Santos – HUPES, mais conhecido como Hospital das Clínicas, vinculado à UFBA, já iniciou o processo de terceirização. De acordo com a diretora da Faculdade de Medicina da UFBA, Lorene Pinto, a instalação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), empresa federal de direito privado, criada no final do governo Lula, tem como principal finalidade gerir todos os hospitais universitários e auxiliar no processo de contratação de funcionários.

Hoje os recursos financeiros recebidos do Sistema Único de Saúde (SUS) pelo Hospital das Clínicas são utilizados para pagar os salários dos funcionários já terceirizados (vigilância, limpeza, higienização, nutrição e recepção). “Atualmente as unidades têm sofrido com falta de concursos públicos e gastos com os terceirizados. O Hospital Universitário

vive no déficit financeiro eterno e não consegue avançar na oferta e modernização de serviços. A proposta com a EBSERH é que todos os servidores sejam concursados e pagos em folha do MEC. Dessa forma, poderemos utilizar os recursos que recebemos do SUS para aprimorar a qualidade de atendimento do hospital”, explica a diretora.

O Hospital Universitário vive em déficit financeiro eterno e não consegue avançar na oferta, ampliação e modernização de serviços

Críticas da comunidade universitária

A EBSERH é financiada através de três fontes: recursos da União, da prestação de serviços e convênios que poderá realizar. Segundo o estudante de medicina do quinto semestre da UFBA e membro do Diretório Acadêmico de Medicina (DAMED), Luis Carlos Bastos, a intervenção da empresa poderá interferir na autonomia dos docentes, estudantes e técnicos administrativos. “A existência de uma empresa externa de direito privado gerindo um espaço acadêmico possibilita o estabelecimento de contratos e convênios externos. Essa atitude fere a independência universitária”, ressalta.

A gerenciadora realizará concursos públicos para selecionar os funcionários que serão contra-

tados através da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). De acordo com Lorene Pinto, a implantação da EBSERH traz um novo plano de carreira para os servidores que serão contratados. “Hoje os 42% dos funcionários terceirizados não estão inclusos em nenhum Plano de Cargos e Carreiras Federal e não passaram por nenhum tipo de concurso público”, afirma.

Por outro lado, a coordenadora de comunicação do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-administrativos das Universidades Públicas Federais e Fundações Apensas do Estado da Bahia (ASSUFBA), Cássia Virgínia Maciel, diz que com o estabelecimento da EBSERH os servidores que forem contratados pela CLT poderão perder os direitos previstos no Plano de Cargos e Carreiras, existindo a preocupação com a extinção progressiva de um contingente de cargos públicos federais. “Além da extinção de cargos, nos preocupa a qualidade do serviço prestado à população, pois a EBSERH não possui um plano de carreira e sim uma tabela de salários que não estimula a capacitação e qualificação de seu quadro”, relata. Para a coordenadora a terceirização aprofunda desigualdades, retira direitos e precariza o trabalho na saúde.

Segunda edição da Semana de Computação da UFBA traz inovações no mercado de T.I.

O evento reuniu alguns dos maiores nomes do Brasil e do mundo na área



Maddog deu a palestra mais esperada do evento

Ailma Teixeira
Ygor Bahia

De 16 a 19 de outubro aconteceu a segunda edição da Semcomp, a Semana de Computação da UFBA. Durante quatro dias o evento reuniu cerca de 250 estudantes e profissionais da área no Portobello Hotel, em Ondina. Este ano, o conteúdo foi focado em empreendedorismo e inovação, numa tentativa de acompanhar os rumos do mercado. Diversos palestrantes renomados, entre eles Alex Tabor e Jon "Maddog" Hall, falaram sobre programação e tendências do mercado contemporâneo, como o *design* responsivo, aquele que adapta o *layout* à plataforma onde a aplicativo ou site é acessado. A Semcomp é uma iniciativa dos alunos de Ciência da Computação da UFBA realizado pela Info Jr., empresa júnior de computação da universidade.

Com uma programação dividida em "trilhas" (seções temáticas), os congressistas podiam escolher entre a trilha Phyton, voltada para a programação de sites; a trilha Front-end, voltada para a comunicação de um programa; a trilha Mobile, que discutiu sobre os dispositivos móveis; e a trilha em-

“O próximo Albert Einstein ou Alan Turing da ciência da computação pode vir da China, da Índia, de Salvador, dos lugares mais improváveis

Maddog

preendedorismo. Cada uma destas seções contou com palestras, workshops e atividades interativas ligadas aos temas.

Intercâmbio de conhecimentos

Iniciativa impulsionada por estudantes, a Semcomp proporcionou a troca de aprendizado entre os profissionais e congressistas, como pontuou Aleksandar Mandić, fundador do iG. “Eu acabo aprendendo mais com vocês do que vocês comigo aqui, porque eu tomo um pedaço de cada um que eu acho interessante”, manifestou. A própria produ-

ção do evento é feita e avaliada com base na troca de experiências e *feedbacks*. Joaldino Neto, 19 anos, coordenador geral da Semcomp, explica que a Semana é um projeto em constante evolução a partir das críticas, opiniões e experiências passadas. Tudo isso serve de base para a construção da próxima Semana que, segundo ele, começa a ser pautada logo após a realização do evento. Com essa dinâmica, os organizadores pretendem tornar a Semcomp a maior semana de computação do país.

Maddog (como é mais conhecido Hall na área da computação), co-fundador da plataforma de software livre Linux e um dos grandes nomes da área de T.I. no mundo, esteve presente na Semana. Ele afirma que o principal motivo para ter aceito o convite foi o fato de ser um evento promovido por universitários. Ele considera importante que estudantes tomem iniciativas que necessitem de maior organização e estrutura. “Há outra razão para eu ter vindo aqui. Eu não acredito que o próximo Albert Einstein ou Alan Turing da ciência da computação venha necessariamente dos Estados Unidos da América. Ele pode vir da China, da Índia, de Salvador, dos lugares mais improváveis”.

Iniciativa estudantil

Sendo completamente produzida por estudantes membros da empresa júnior, Joaldino pontua que ainda não há um apoio consistente dos docentes, mas estes vêm, progressivamente, se aproximando mais do evento.

Fortalecendo o mercado

Aleksandar Mandić resalta a importância desta iniciativa ao dizer que “é daqui que vão sair as pessoas que vão fazer acontecer. O que vende é o conhecimento, o produto não vende”. Rodrigo Araújo, estudante do 4º semestre de Ciências da Computação na Unifacs, acha que o evento pode proporcionar o desenvolvimento do mercado e da comunidade científica local por abranger o aspecto científico e comercial da tecnologia. Já o Maddog acredita, inclusive, que não há motivo para que estudantes brasileiros viajem para os EUA, por exemplo, em busca de um bom emprego. “Vocês têm muitos recursos naturais, não há razão para que o Brasil não possa ser um dos maiores países do futuro. Na verdade, já considero o Brasil como um grande país hoje”, finaliza.

Residência Técnica da FAUFBA alia capacitação profissional ao desenvolvimento de comunidades

Faculdade de Arquitetura se baseia em Lei Federal para criar projeto inovador

Fernanda Nery
Marina Baruch

A semana de 14 a 18 de outubro marcou o início das atividades da Residência Técnica em Arquitetura, Urbanismo e Engenharia, uma iniciativa da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), em parceria com a Escola Politécnica (EP-UFBA). A proposta pioneira se baseia na Lei Federal nº 11.888/2008 que, embora não esteja regulamentada, já foi aprovada e assegura às famílias de baixa renda assistência técnica pública e gratuita para o projeto e a construção de habitação de interesse social. A residência integra o curso de pós-graduação *lato sensu* para Assistência Técnica em Habitação e Direito à Cidade e tem por objetivo capacitar estudantes para atuarem na assistência técnica e na elaboração de projetos de forma integrada às instituições de interesse público, municípios e movimentos sociais atuantes nessa área.

A idealizadora do projeto, professora Angela Gordilho, que foi Secretária de Habitação na Prefeitura de Salvador de 2005 a 2008, também levou em conta sua experiência pessoal ao criar a proposta. “Nesse período eu percebi que para trazer recursos para a cidade eu precisava de gente capacitada me ajudando e nessa área não há muita gente especializada”, explica. Um dos objetivos do curso é trazer arquitetos e urbanistas para a prática na cidade. “O arquiteto precisa de prática, e quando a gente se aprofunda no ambiente acadêmico acabamos deixando ela de lado”, diz a professora.

Para os estudantes o principal diferencial da residência é justamente esse diálogo com a prática e a aproximação da universidade com a comunidade. Foi isso que chamou a atenção do urbanista Igor Borges, um dos alunos da primeira turma. “Quando eu vi a proposta da residência de trabalhar com a comunidade para desenvolver projetos participativos, eu falei: ‘é o que eu estou precisando’”, comenta. Ainda de acordo com Borges, muitas vezes a ampliação do discurso acadêmico é importante e necessária, sobretudo quando se lida com a realidade urbana, que é naturalmente dinâmica.

Por ser pioneiro na área, o projeto também despertou o interesse de pessoas de fora do estado,

como é o caso do arquiteto mineiro Fabrício Zanoli. Para ele, que acompanha a discussão da Lei de Assistência Técnica desde a faculdade, a residência é uma grande oportunidade de capacitação e oferece embasamento para agir corretamente em sociedade. Outro aspecto positivo que ele destaca é o caráter pluridisciplinar do projeto. “A turma foi formada por pessoas de diversas áreas, que é um dos preceitos para o planejamento urbano. Para que ele seja adequado tem que haver esse contato”, ressalta.

“

O arquiteto precisa de prática, e quando a gente se aprofunda no ambiente acadêmico acabamos deixando ela de lado

Angela Gordilho, idealizadora do projeto

”

Dificuldades

Apesar de ser gratuita, nem todos que se interessam pela residência conseguem participar. O curso não oferece bolsas de estudo e o fato acaba limitando a vinda de alguns profissionais. É o caso da estudante de arquitetura Bianca Lima, que vive em Aracaju e se interessou pela residência, mas não pode fazê-la. “Quem não é de Salvador tem mais custos com moradia, transporte e alimentação. O fato de o curso exigir no mínimo 4 horas de aulas presenciais nos primeiros meses dificulta o profissional de conseguir um bom trabalho além de fazer o curso”, lamenta.

No entanto, a intenção da professora Angela Gordilho é estabelecer parcerias para viabilizar a concessão de bolsas para as próximas edições da residência. “Se o curso oferecesse bolsa, com certeza seria o meu escolhido para a pós-graduação”, completa Bianca.



Angela Gordilho quer trazer os arquitetos à prática em comunidades populares

Patrícia Martins | LabFoto

O homem por trás da tela

Projeccionista em cinemas de Salvador há 18 anos, Eduardo Cerqueira trabalha hoje no Cinema da UFBA

Bruno Rubeiz
Mariana Sales

Se você costuma ir aos cinemas do Circuito Saladearte, é muito provável que já tenha assistido à uma projeção de Eduardo Cerqueira. Atual projeccionista do Cinema da UFBA, Seu Eduardo (como é chamado pelos colegas) é um veterano dos cinemas soteropolitanos: já passou por todas as salas do grupo Saladearte, além de ter trabalhado em diversos cinemas da capital, dentre eles o antigo cinema do shopping Iguatemi, Cine Cena Unijorge, Cine Astor, Glauber Rocha, Art 1 e 2.

Foi em 1989 que Seu Eduardo cruzou pela primeira vez com o cinema. Na época, ele havia sido convidado por um amigo para trabalhar na equipe de manutenção do Cineart. Seis anos mais tarde ele ganhou a licença de operador cinematográfico. Durante este período, trabalhava pela manhã na manutenção e, durante a tarde, ajudava seus colegas na projeção, aprendendo aos poucos a exercer as funções do projeccionista. "Aprendi com a prática mesmo, até porque não existiam cursos. Hoje o ci-

nema é diferente. Naquela época você aprendia ali mesmo, ia emendando filme aos poucos...".

Como em todas as profissões, a carreira de projeccionista tem seus altos e baixos, porém Seu Eduardo declara que gosta do que faz. "Tem coisas que deixam a gente muito feliz com a profissão. Por exemplo, quando alguém assiste a um filme e, quando sai, decide assistir a sessão seguinte. Isso é muito bom porque quer dizer que ele teve uma boa projeção, um bom áudio, foi bem tratado". Para ele, esse tipo de reconhecimento engrandece o profissional.

Apesar de gostar muito de assistir filmes, Seu Eduardo afirma não ir mais com frequência ao cinema. "Depois que eu entrei na Saladearte, tive outra visão da coisa. Não gosto muito destes filmes comerciais, filmes americanos com essa violência toda(...) Prefiro um filme mais calmo, mais culto", explica. Apesar disso, durante uma sessão no Cinema da UFBA, não é incomum encontrar

Seu Eduardo assistindo ao filme, sentado lá no fundo da sala.

Morador do bairro de Sete de Abril, Seu Eduardo diz não ver um interesse por parte dos moradores de regiões mais desfavorecidas em assistir filmes que estejam fora do circuito comercial cinematográfico. "Esse tipo de circuito as pessoas da periferia não conhecem(...) O pessoal lá da rua, por exemplo, não conhece. Não é muito divulgado também. As vezes nem mesmo o pessoal da faculdade vem". Ainda assim, ele já consegue ver um interesse crescente, ainda que lento, dos jovens pelo circuito alternativo de cinema. "A Saladearte tem o público deles. Logo quando eu entrei aqui era o pessoal mais antigo, os jovens não vinham muito não. Mas agora não, a juventude está acompanhando mais", conclui.



Silêncio! A sessão vai começar!
Pede seu Eduardo

Degraus do Olimpo

155 degraus que separam o Campus de Ondina da Escola Politécnica

Diogo Costa
Natália Arjones

Muitos caminhos nos levam aos nossos destinos (1 degrau) Curtos, longos, íngremes ou com obstáculos (2 degraus) Para muitos, a escadaria que liga o campus universitário de Ondina a Escola Politécnica é o caminho mais curto e rápido (3 ...) Em compensação, a escada que te leva de Ondina à Federação é considerada um obstáculo para o corpo humano (4, 5, 6, 7, 8, 9...10)

Uma escada, para muitos, não passa de uma série de degraus por onde se sobe e desce (11) E ela nada mais é quando vista apenas dessa forma (12) Esta é um ascensão (13) Para alcançar o topo é necessário cansar, suar, perder o fôlego e até as contas (14) É chegar no alto destino e de lá enxergar um novo horizonte. Seus aproximados 155 degraus dão a dimensão visual concreta do quão íngreme e cansativo é alcançar um de seus extremos (15, 16, 17, 18, 19...20!)

Mato de um lado e do outro (21) que às vezes, de tão grande, acaba invadindo o caminho e aproximando a natureza de seus usuários. É considerado local de refúgio para quem quer praticar delitos(22) Para outros, a natureza é um atrativo (23) "Recentemente, nas férias, uma árvore que tem ali no meio ficou carregada de sementes (24) A escada ficou toda verde, ficou imageticamente lindo (25) Parei com meus colegas e fiquei observando (26) Como a escada tinha ficado linda!" (27) Denise Firmo, entre um respiro e um passo (28, 29...30! – ainda estamos no começo)

Subir ou descer a escada é um exercício poderoso e muita vezes dispensado (31, 32, 33, 34, 35) Trabalha músculos, treina o fôlego e gasta calorias (36, 37, 38, 39, 40) Ao subir cinco andares de escada, por exemplo, você consome 75 calorias (41, 42, 43, 44,

Para alcançar o topo é necessário cansar, suar, perder o fôlego e até as contas. É chegar no alto destino e de lá enxergar um novo horizonte.

45) "Considero a escada como meu exercício físico do dia, com certeza!"(46) Carolina Rodeiro, sem fôlego, subindo(47, 48, 49, 50) Mas essa escada pede atenção dobrada (51, 52, 53, 54, 55) Montada sobre um barranco e sem sustentação, ela parece ter vida em dias de chuva (56, 57, 58, 59, 60) "Como eu faço? Eu não faço... Não tem como passar aqui em dias de chuva. Vira uma cachoeira!" (61) Denis, descendo(61, 62, 63, 64... 70)

(71, 72, 73, 74, 75) É nela também que encontros acontecem (76) No meio, uma árvore faz uma sombra tão pequena quanto ela, a única ao longo da difícil geometria da escada (77, 78, 79, 80) É lá que, durante o dia, com os encontros dos colegas, também chegam os recados de que a aula foi adiada (81, 82, 83, 84, 85) Felicidade para quem não tem que completar o percurso (86, 87, 88, ..., 100)

(101, 102... 110) A exaustão ao subi-la, ocasionada pela sua característica íngreme, pelos degraus desnivelados ou soltos, buracos e árvores no caminho, é recompensada pela vista que vai se formando logo atrás, no alto, do mar e da vegetação ao seu entorno (110, 111, 112... 120) "Não posso deixar de

pontuar o fato de poder ver o mar lá de cima. Quando eu chego lá, longe dessa babilônia de caos e trânsito, e vejo o mar, o céu, eu acho delicioso. E entra um vento..." , contou Denise (121, 122, 123... 130)

Mas uma escada, sendo uma estrutura física que possibilita o acesso a outros níveis, também precisa de cuidados (141) Sem constantes reparos, os obstáculos tornam ainda mais difícil seu trajeto (142) e se durante o dia eles são muitos, à noite, na escadaria da Poli, eles são ainda maiores (144) Do alto, a alegria de ver a paisagem natural de outrora, prêmio para quem alcançasse o topo, cede espaço para o medo e a insegurança ocasionados pela pouca luz (145...149) "É perigosa devido à mata em volta. A iluminação é baixa e não existe controle de pessoas que entram na universidade. Os degraus são ruins, tortos, falta cobertura e corrimão" (150, 151) Ailton Prates, quase no topo (152)

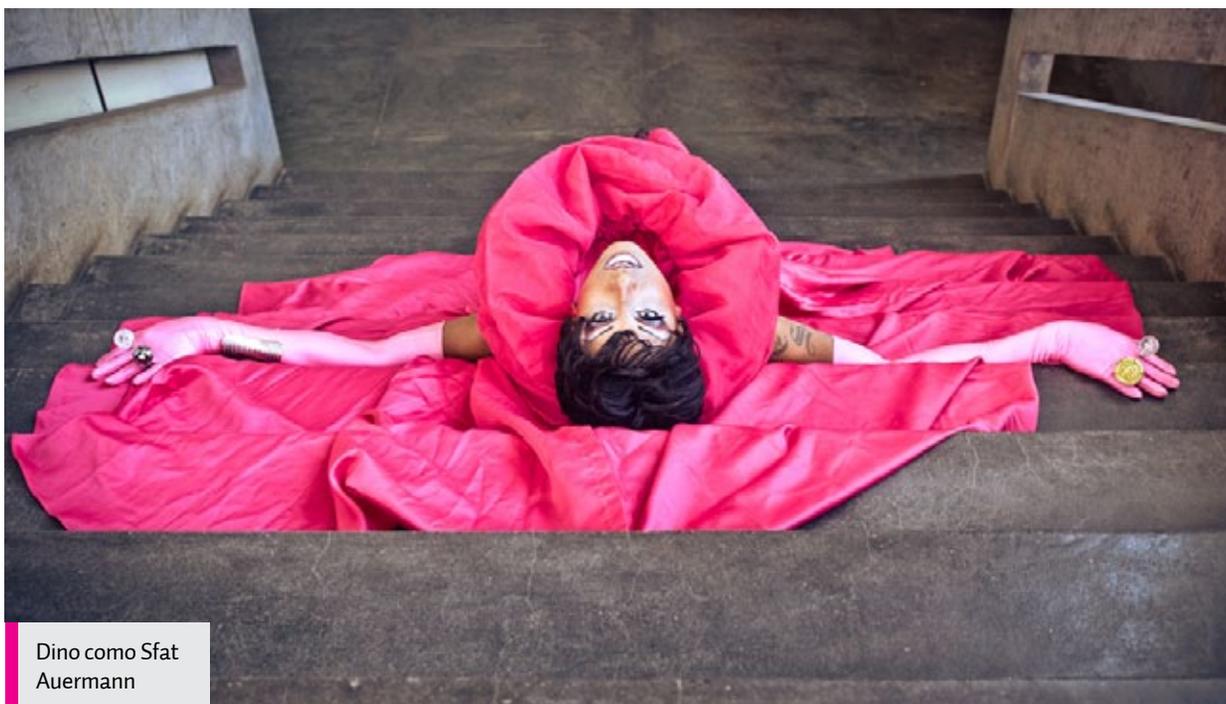
A escada da Poli é um ponto turístico da UFBA(153) Existe memória por lá, (154) existe atividade física, encontros e... (155)



Lara Marato | LabFoto

“Sempre pensei em fazer coisas que alguém nunca fez”

Dino Neto e Sfat Auermann, a pessoa e a personagem



Agnes Cajaliba | LabFoto

Dino como Sfat Auermann

Gabriela Cirqueira
Karen Monteiro

Homem, não necessariamente homossexual, que cria personagens utilizando roupas do sexo oposto. Uma miscelânea das palavras rainha e dragão, que resulta num modelo feminino bem destoante do habitual. Essas são as definições mais conhecidas para o termo *Drag Queen*, que surgiu ainda no século XIX dentro dos teatros. Para compreender melhor esse universo, o Jornal da Facom procurou a *drag* Sfat Auermann, personagem criada pelo dançarino e maquiador da Rede Bahia de Televisão, Dino Neto. Sem plumas, paetês e performances, o baiano, militante de todas as causas contra o preconceito, revela em entrevista ao JF como ocorre a transição entre as suas identidades, a relação com a família e o lado nem sempre glamouroso da profissão.

JF: O que é ser Drag Queen? Quando você descobriu que tinha um dom?

Dino Neto: Fiz dança por muito tempo e tenho pernas muito fortes. Um dia calcei um sapato de salto alto, sem compromisso, e consegui realizar coisas que só fazia com sapatilha. Depois virei maquiador e achava isso pouco, então parei e pensei, vou ser *drag*, vou ver no que dá. Meus números são muito *hard*. Alguém tem que inovar.

JF: Há uma confusão com os conceitos de drag, travesti, transexual e homossexual e uma crença que eles são interdependentes, ou seja, de que para ser um você necessariamente assume todos os outros.

DN: Quando surgiu, o movimento *drag* era formado por meninos que se vestiam de mulher e não eram gays. No meio as pessoas também trocam muito a classificação. Hoje, por exemplo, não usamos mais

o termo travesti para definir um transexual. Transexual é o cara que está fazendo mutações no corpo para ficar parecido com uma mulher, através de tratamentos com hormônios, uso de próteses e até mesmo intervenções cirúrgicas. O travesti pode ser aquele que se veste de mulher só para um show ou passa o dia vestido assim, o que é meio conectado com *cross-dressing* [termo que se refere a pessoas que vestem roupas ou usam objetos associados ao sexo oposto]. O transformista imita um corpo feminino, passa a essência mais bonita da mulher. O *drag* não quer parecer uma mulher. Por mais que usemos aqueles acessórios todos, a atitude é diferente.

JF: E como as pessoas que você convive lidam com seu outro lado?

DN: A maioria das pessoas me conhece pelo meu trabalho como *drag*. Elas lidam bem, não sei se no

meio artístico e televisivo o espetáculo é algo comum. As pessoas já sabem diferenciar as coisas.

JF: Como nasceu a personagem Sfat Auermann?

DN: Todo *drag* gosta de criar um nome. Eu sempre gostei muito da atriz Dina Sfat e também admirava Nadja Auermann, uma modelo que entrou no [livro] Guinness pelo 1,20m de pernas. Juntei as duas paixões e assim surgiu Sfat Auermann.

JF: Que referências você utiliza em suas performances?

DN: Sempre pensei em fazer coisas que alguém nunca fez. Nunca tinha visto nenhum *drag* que cuspiu fogo, então fui aprender a fazer. Vou pelo caminho avesso, sempre quero o contrário do que os meus colegas de trabalho fazem. Em um dos meus números entro vestido de Annie Lennox, vocalista do grupo Eurythmics, e danço ao som da música Sweet Dreams, regravada pelo cantor Marilyn Manson. No meio da apresentação surge um pênis gigante de esponja, que jorra leite e eu fico me banhando. Faço em festas *raves*, não é um número que se faz no teatro porque muita gente não entende.

JF: E a montagem do rosto é inspirada no seu trabalho como maquiador?

DN: Sim, é tudo muito exagerado. Os traços não são femininos, porque *drag* como o nome diz, é o dragão. A sobrancelha é mais comprida, o esfumado de canto é maior, crio um espaço de experimentação.

JF: E sua família?

DN: Pra minha família foi muito tranquilo, porque sempre dancei. Meu lado artístico surgiu cedo, só dei continuidade.

JF: O mercado de trabalho é muito restrito? Existe preconceito?

DN: Em Salvador, é restrito sim. Em São Paulo é mais comum, pessoas vivem apenas do trabalho como *drag*, fazem telegrama animado, recepção de festa. Já em relação ao preconceito, quando as pessoas nos contratam não querem saber da nossa sexualidade, já sabem que ali está um homem vestido de mulher.